José Saboya de Albuquerque

FRANCISCO MARIALVA M. FROTA

Tôda a zona Norte do Estado, liderada por Sobral, celebra, hoje, com manifestações cívicas, literárias e religiosas, o Centenário de Nascimento do Doutor José Saboya de Albuquerque, figura oracular do udenismo cearense, que polarizou, por duas décadas, na Princesa do Norte — cidade que lhe serviu de berço — ponderavel liderança política, mercê de suas irrecusáveis qualificações pessoais, o que propiciou, evidentemente, maior dimensionamento de sua influência política, por todo o sertão, até alcançar ambiência de acolhimento fraternal, com o Brigadeiro Eduardo Gomes, Otávio Mangabeira, Prado Kelly, Milton Campos, Senador Fernandes Távora, Governador Faustino de Albuquerque, Gentil Barreira e Paulo Sarasate, corifeus da antiga União Democrática Nacional.

Nasceu José Saboya de Albuquerque, em Sobral, a 06 de agôsto de 1871. Filho do Cel. Ernesto Deocleciano de Albuquerque e Dona Francisca Saboya de Albuquerque. Iniciou os estudos primários com o conhecido Mestre-Escola Vicente Arruda, prestando, a seguir, em Fortaleza, os exames propedêuticos no tradicional Liceu do Ceará. Concluindo os preparatórios, ingressou na histórica Faculdade de Direito do Recife, bacharelando-se a 19 de setembro de 1891, exercendo durante o final do seu período acadêmico, o Ministério Público, em Sobral. É designado Juiz Substituto, a 02 de maio de 1892, da Comarca de Sobral. Exerceu, a partir de 1899, a judicatura plena, como Juiz de Direito, em cuja vara permaneceu até 1935, afastado, compulsòriamente, na idade limite. Casou-se, em Sobral, a 30 de novembro de 1893, com Maria da Soledade Miranda Pessoa, hoje nome de populoso bairro sobralense. Da união do casal registra-se o nascimento de cinco filhos: Evangelina, Nazinha, Ernesto, Maria da Soledade e Francisca, falecida, recentemente, na Guanabara.

De porte alto, levemente curvado, esguio, de discreta elegância no trajar, José Saboya praticou, até a velhice, equitação e natação, práticas esportivas que lhe garantiram até se finar uma aparência saudável e hígida. Apaixonado do Turf foi um dos fundadores do

Derby Club Sobralense, o primeiro do Ceará, contribuindo nas programações do Prado, com parelheiros de sua apurada coudelaria.

É o exercício da magistratura, na vida de José Saboya de Albuquerque, período dos mais copiosos, em que pôs todo o seu vigor laboral, aliado à sólida cultura jurídica. Historiador arguto que se abalance a pesquisar a vida e o raio de influência do Juiz Sobralense terá, nessa fase, manancial inexaurível, nos autos dos frondosos processos onde, encontrará suas sentenças, exaradas na melhor quadratura legal, sedimentadas em incontestável base jurisprudencial, realçadas, pela escorreição da forma vernacular e por evidente senso do Direito. Mereceu, na sua judicatura, cabal acatamento do Colendo Tribunal de Justiça do nosso Estado, sobretudo, por não lhe haver sido reformada sentença por êle prolatada, fato que se positivou no comparecimento grupal dos integrantes daquela Corte nas festas comemorativas de suas Bodas de Ouro Matrimoniais, ocorridas em Sobral no ano de 1943. Escrupuloso, levava José Saboya, muito a sério os atos judiciais, dando-lhes, entono especial à exteriorização do rito processual, principalmente, às Sessões do Tribunal do Juri Popular, ao qual, quando as presidia, vestia-se com fraque, ou roupa preta com impecável colete, dando, assim, exemplo ao corpo de jurados e à assistência.

Polido, habitualmente, de gestos largos e generosos para com os amigos desvalidos, contudo, inadmitia as defecções partidárias, por ter em alta conta a sua fidelidade ao grêmio político que abraçara. Estocado, nas campanhas políticas, por adversários seus, punha-se de florête crítico, nas polêmicas que aceitava, defensivamente, sem contudo descer à linguagem ácida e causticante, nem a têrmos surrados ou a lugares-comuns. A veemência, a explanação clara e concisa era o seu forte, e na fase política, quando os ânimos estavam mais acirrados colocava na fímbria da frase, trocadilhos, nos quais se vislumbravam, longes de psicologia caricatural, facêta do seu caráter, relembrada, com regalo, no seu círculo íntimo de amizade.

Há momentos e fatos em sua liderança política, exercitada em Sobral, que se não deve recordar, tão-logo, sobretudo, para não ferir melindres ou, ainda, por não se haver concluido o ciclo histórico em que se incrustou o fato desencadeante, conquanto, não há dúvida se anteveja agigantado seu desempenho na direção do grêmio que comandou, tão denodadamente. Viu o lider cearense arder em tôrno de si, também, incompreensões, que estão a merecer, do analista político, revisão crítica e histórica.

Emprestou, o sobralense ilustre, parcela de sua contribuição ao Govêrno João Thomé, ocupando, com exação, a Secretaria do

Interior e Justiça e exonerando-se, sem alardes, por discordar de ato governamental, mantendo, aplacada a crise, cordialidade com o Chefe do Executivo, de quem era aparentado.

A Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano, empreendimento que a índole mercantil de seu pai fêz nascer nas cercanias de Sobral, recebeu, também, de José Saboya como seu Diretor-Presidente e acionista majoritário, os influxos do seu tirocínio, chegando, até mesmo, a iniciar o intercâmbio comercial com os Estados do Sul do País e com o Exterior, nas priscas eras em que o comércio exportador era privilégio de poucos. Adotava, para os empregados, uma política social preventiva, assistencial e securitaria, independentemente de legislação impositiva que lhe compelisse à concessão de vantagens e benefícios, sòmente conquistados, pela classe obreira, posteriormente. Continuando o ciclo expansionista empresarial, impulsionado por José Saboya, o Doutor José Maria Mont'Alverne, seu genro, com aprumo e dedicação foi durante algum período seu Diretor-Presidente.

Quando o calor, no final do ano, abrasava Sobral, o líder popular, se deslocava para a Serra de Meruoca, buscando não sem razões, uma trégua que o retemperasse para novas porfias, nos futuros prélios eleitorais. Na Pedra Furada, sítio de sua predileção, entregava-se, descontraidamente, ao convivio acolhedor dos filhos e, às vêzes, deleitava-se, ternamente, em conversas com os netos. Nesse período do ano acordava em seu espírito lúcido o gôsto pela leitura, com que harmonizou, tão bem, com o da política, dando provas do seu espírito de pesquisador, no discurso que proferiu, em Sobral, saudando, por ocasião do Jubileu Episcopal de Dom José Tupinambá da Frota, o Senhor Núncio Apostólico, Dom Aloysio Mazella. As elites culturais do Ceará aplaudiram, com encanto, ao ser publicada, nos periódicos, a peça literária, onde, ao lado da frase tersa e enxuta, constatou-se a análise sócio-cultural de Sobral, inserido naquele documento literário, como epiciclo econômico do Estado, mercê do berço de sua gente, em cujas raizes foi identificar, em Pernambuco, com a vinda de Arnaud de Holanda, ao lado de Manoel Vaz Carrasco, Rodrigues Magalhães, Manoel Feitosa, Marques da Costa, os peregrinos que se instalaram na Ribeira do Acaraú, construindo a velha Caiçara.

Dobrado pela doença, José Saboya de Albuquerque, procurou na Ex-Capital da República, o valimento médico que, infelizmente, não conseguiu, expirando, para a consternação do Ceará, no dia 26 de abril de 1950, na residência do Doutor Massilon Saboya, seu irmão.

Por saberem seus filhos do seu entranhado amor a Sobral,

recolheram no Rio de Janeiro, em preito a sua amada memória, seus despojos, que hoje repousam ao lado de sua esposa Dona Sinhá Saboya e do seu genro José Maria Mont'Alverne, no sítio mortuário, nas proximidades do mausoleu do seu pai.

A força moral de varão bíblico, a honestidade profissional, as iniciativas de cunho industrial e recreativo e, sobretudo, a incontestável liderança política, criaram em torno do Doutor José Saboya de Albúquerque, uma aura de respeito e admiração que se viu ampliada, com a sua morte, pela saudade e vasio que deixou, no coração de sua gente, tornando-se um nume tutelar, pelo inigualável exemplo de sua vida.

Fortaleza, (Ce), 06 de agôsto de 1971.

Francisco Marialva Mont'Alverne Frota.

OBSERVANDA:

(Publicado no jornal O POVO no dia 06-08-71)